

**Contribuições de Juliano Moreira para o enfrentamento do racismo científico:
uma revisão de escopo**

Juliano Moreira's contributions to combating scientific racism: a scoping review

Alissandra Alves Rodrigues¹

ORCID: 0000-0002-6402-0612

Dyana Helena de Souza²

ORCID: 0000-0001-6050-3337

¹ Mestre em Política Social (PPGPS/UnB); Assistente Social na Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal Brasília, DF/Brasil.

² Mestre em Saúde Coletiva (PPGSC/UnB); Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Política Social da UnB (PPGPS/UnB); Assistente Social na Universidade Estadual de Goiás (UEG), Brasil.

Autor correspondente: Alissandra Alves Rodrigues - SQN 314, Bloco H, nº 105, Asa Norte, Brasília/DF. Email: alissandra-rodrigues@fepecs.edu.br. Contato: (61) 98175-7573

RESUMO

Objetivo: descrever as principais contribuições de Juliano Moreira para o enfrentamento do racismo científico durante o Brasil republicano. **Método:** revisão de escopo que seguiu as diretrizes metodológicas do Protocolo Joanna Briggs para Scoping Reviews, cadastrada no repositório *online* de acesso aberto Open Science Framework e utilizou cinco bases de dados com descritores em saúde para a busca e seleção de artigos científicos e estudos de literatura cinzenta. **Resultados:** após a exclusão de duplicatas, 1690 referências atenderam os critérios de elegibilidade, 21 publicações atenderam os critérios de inclusão e foram selecionadas para a revisão, associada à análise de conteúdo temática. **Conclusão:** em uma época de disseminação de teorias eugenistas, Juliano Moreira foi a voz da psiquiatria brasileira. Refutou o determinismo racial e a mestiçagem como fator de degeneração da população. Negou a influência das raças no adoecimento psíquico e participou ativamente da ruptura do saber psiquiátrico fundamentado no asilamento.

Palavras-chave: Racismo; Eugenia; Saúde Mental; Psiquiatria.

ABSTRACT

Objective: to describe Juliano Moreira's main contributions to combat scientific racism during Republican Brazil. **Method:** scoping review that followed the methodological guidelines of the Joanna Briggs Protocol for Scoping Reviews, registered in the open access online repository Open Science Framework and used five databases with health descriptors to search and select scientific articles and grey literature studies. **Results:** after excluding duplicates, 1690 references met the eligibility criteria, 21 publications met the inclusion criteria and were selected for the review, associated with thematic content analysis. **Conclusion:** at a time when eugenicist theories were disseminated, Juliano Moreira was the voice of Brazilian psychiatry. He refuted racial determinism and miscegenation as a factor in population degeneration. He denied the influence of races on mental illness and actively participated in the rupture of psychiatric knowledge based on asylum.

Keywords: Racism; Eugenics; Mental health; Psychiatry.

INTRODUÇÃO

Juliano Moreira representa a criticidade, na Primeira República, sobre o debate das teorias raciais no Brasil, período em que o esforço das elites intelectuais brasileiras estava fortemente voltado para a construção de novos projetos nacionais e para a solução de uma realidade urbana profundamente marcada por uma série de esgotamentos como consequência da colonização portuguesa¹. Naquela conjuntura, como elemento fundamental, as teorias raciais elegiam a população negra como o ‘problema’ a ser solucionado² e a sociedade brasileira valia-se de um conceito de raça ligado ao conceito antropológico de poligenia do século XIX. Essas teorias buscavam justificar a inferioridade da população negra pela distinção entre as raças humanas como verdadeiras espécies separadas desde as origens e na hierarquização entre elas³. Percebe-se, então, que esse contexto colaborou para que a medicina, levando-se em consideração a visão que o homem branco europeu tinha dos outros povos, ditos primitivos, durante boa parte do século XIX e início do século XX, fosse determinada pelo racismo científico⁴.

A teoria da degenerescência, entendida como o desvio de um tipo primitivo perfeito, desvio este transmissível hereditariamente⁴, exerceu uma influência marcante sobre a psiquiatria no final do século XIX, tanto que os alienistas brasileiros a usaram irrefletidamente a partir do Tratado das Degenerescências de Benedict-Augustin Morel, de 1857. Os transtornos mentais não seriam mais determinados por sintomas de ordem moral, mas a partir de causalidades físicas. Ou seja, entendia-se cientificamente a degeneração como um processo fisiológico que atuava sobre o estado psicológico dos indivíduos, tornando-os propensos à alienação por apresentarem anormalidades como a epilepsia, a sífilis e as intoxicações voluntárias do tipo do alcoolismo, cocainismo, morfismo etc., passíveis de desencadeá-la⁵.

Juliano Moreira, um homem negro, filho de ex-escravizada, que desafiou seu tempo ao tornar-se médico e escolher a psiquiatria como especialidade médica, foi um dos primeiros homens a apontar que a problemática racial no Brasil (e no mundo) foi e é uma questão social, e não biológica⁶, como muitos acreditavam – e ainda acreditam. Ele compreendia que o problema das raças estava estritamente relacionado ao seu abandono, em termos de cuidados com a saúde física e a educação formal. Mesmo imbuído de um espírito higienista – marca característica daqueles que estiveram à frente

das políticas públicas nos primeiros anos da Primeira República brasileira, ele demonstrou os impactos do tráfico negreiro para a saúde das vítimas do processo de colonização². E não só contestou a correlação feita entre raça e loucura, como também defendeu que as mazelas sociais, como o racismo e a desigualdade econômica, eram responsáveis por boa parte dos transtornos mentais que acometiam homens e mulheres⁶.

Um aspecto marcante na obra de Juliano Moreira foi sua explícita discordância quanto à atribuição da degeneração do povo brasileiro à mestiçagem, especialmente a uma suposta contribuição negativa dos negros na miscigenação. (...) Também desafiava outro pressuposto comum à época, de que existiriam doenças mentais próprias dos climas tropicais^{7, p. 178}.

As teorias deterministas e o cientificismo biológico na medicina brasileira no final do século XIX promoveram, de um lado, o desenvolvimento da medicina, e, de outro, a disseminação de crenças sobre os mecanismos da hereditariedade e das causas da degeneração da população, especialmente de identificação, classificação e hierarquização humana⁸. Logo, durante a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a eugenia foi amplamente aceita no mundo científico e esteve na base das políticas higienistas do período.

Desafiando, assim, o seu tempo, sem desmerecer a teoria vigente de que o país se encontrava em desigualdade na ‘marcha do progresso’, quando comparado aos países do Ocidente Europeu e com os Estados Unidos da América⁹, Juliano Moreira refutou a tese de que a mestiçagem era a responsável pela degeneração da população brasileira e colocou em cheque toda a pseudociência que se alicerçava no racismo científico e que apregoava a inferioridade biológica entre as diferentes raças humanas como chave explicadora de inúmeras doenças, inclusive da loucura⁶.

Considerado por muitos como o pai da psiquiatria no Brasil, não seria exagero afirmar que a grande obra de Juliano Moreira foi justamente a reforma psiquiátrica brasileira, iniciada no Hospício Nacional de Alienados, instituição à qual esteve à frente por 27 anos (1903 a 1930) como diretor⁶. Logo no início, adotou como orientação a corrente alemã de psiquiatria, que conheceu com Emil Kraepelin (1856-1926), e que divergia da vertente francesa tradicionalmente adotada no Brasil¹⁰. Inspirado na psiquiatria alemã, Juliano Moreira propôs um modelo de asilamento em que combateu

os castigos físicos utilizados como tratamento até então e o isolamento do paciente no hospício, retirou as grades das janelas e excluiu os coletes de força, dentre outras medidas revolucionárias para a época.

É neste contexto que surge o interesse para a realização da presente pesquisa que se justifica pelo fato de Juliano Moreira, apesar de sua relevância para a psiquiatria brasileira, ser pouco mencionado como referência para o movimento antimanicomial brasileiro, e por não haver revisões de escopo anteriores elaboradas com o objetivo de descrever suas contribuições no enfrentamento ao racismo científico. Estudar suas concepções, considerando o contexto histórico e social em que ele viveu e as condições adversas para o seu ingresso na psiquiatria brasileira frente às teorias eugenistas que embasaram o racismo científico durante toda sua trajetória como médico, é de grande relevância para a compreensão das expressões do racismo no campo da saúde mental. Seus estudos sobre o adoecimento psíquico e a questão racial representam um contraponto às teorias que atribuíam à mestiçagem a responsabilidade pela predisposição à alienação mental e ao pensamento racista que imperava no ambiente acadêmico do período estudado.

Busca-se com esta revisão de escopo responder à pergunta de pesquisa sobre quais as principais contribuições de Juliano Moreira para o enfrentamento do racismo científico no campo da saúde mental brasileira durante a Primeira República, assim como retratar a relevância de suas ideias críticas ao determinismo racial, e de sua influência no campo da saúde mental e na psiquiatria brasileira ao combater a naturalidade atribuída à relação entre raça e loucura por meio das teorias científicas de eugenia difundidas entre o final do século XIX e início do século XX.

MÉTODO

Este estudo retrata uma revisão de escopo, método inicialmente apresentado por Arksey e O'Malley¹⁴, com contribuições de Levac et al.¹⁵, acrescido pelas recomendações do Manual do Joanna Briggs Institute Reviewer's - Manual JBI¹². Revela-se como um tipo específico de síntese de conhecimento, conduzida de forma rigorosa, transparente e confiável. É operacionalizada por meio de um processo sistemático e bem estruturado para apresentar evidências já produzidas sobre um tópico

ou questão na literatura existente em um determinado campo e examinar a extensão (tamanho), o alcance (variedade) e a natureza (características) das suas evidências¹³.

Foi feita a opção pela revisão de escopo para possibilitar a inclusão de estudos de diversas naturezas com vistas à realização de uma síntese de evidências disponíveis sobre as contribuições de Juliano Moreira para o campo da saúde mental e psiquiatria brasileira no combate ao racismo científico, utilizando diretrizes e recomendações do Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews - PRISMA-ScR, que apresenta um roteiro para guiar a redação do relatório de revisão de escopo. Essa extensão do PRISMA para revisões de escopo seguiu as orientações da metodologia proposta pelo Manual JBI¹². Seguir o protocolo objetiva clarificar a transparência do processo de construção para minimizar vieses da pesquisa¹⁶.

A análise das referências selecionadas foi realizada com o auxílio da análise de conteúdo temática proposta por Bardin¹⁷ visando alcançar a essência do material pesquisado. Foram definidos núcleos de sentido de acordo com a sua aparição e frequência nas referências selecionadas. A análise temática realizada neste estudo seguiu, portanto, as três etapas fundamentais do método: 1) pré-análise: a partir da seleção das referências, foi feita a organização e sistematização das principais ideias constituintes associadas às hipóteses e objetivos da revisão de escopo; 2) exploração do material: ocorreu durante as leituras, momento em que foram escolhidas as unidades de codificação a partir da aparição e frequência das mesmas e do agrupamento de semelhanças e diferenças entre as ideias de cada referência analisada; 3) classificação e categorização dos núcleos de sentido: reagrupamento das características comuns extraídas da fase de exploração e organização dos núcleos de sentido em cinco categorias.

Para efeitos de uma revisão de escopo, a fonte de informação pode incluir qualquer literatura existente, por exemplo, estudos de pesquisa primária, revisões sistemáticas, meta-análises, cartas, diretrizes, sites, blogs, etc. informações abertas para permitir a inclusão de todo e qualquer tipo de evidência.

Pergunta da Pesquisa

Esta etapa central, que conduziu o desenvolvimento do protocolo de revisão e definiu o título do estudo, partiu dos elementos centrais de uma revisão de escopo¹¹, com uma questão exploratória mais ampla, sem a intenção de avaliar elementos de efetividade e eficácia dos documentos pesquisados, incorporando os elementos do PCC¹²: População, Conceito e Contexto da revisão:

População: Juliano Moreira;

Conceito: racismo científico, saúde mental e eugenia;

Contexto: saúde mental brasileira, psiquiatria.

Para a estratégia de busca, além dos descritores selecionados do Medical Subject Heading (MeSH) e Descritores em Ciência da Saúde (DeCS), foi utilizada a palavra-chave Juliano Moreira. Assim, a pergunta ‘Quais as principais contribuições de Juliano Moreira para o enfrentamento do racismo científico no campo da saúde mental brasileira?’ guiou todo o trabalho de pesquisa.

Critérios de elegibilidade

Foi feita a triagem de relevância a partir da leitura dos títulos e resumos, seguindo o roteiro PCC, de artigos produzidos por diferentes modelos de pesquisa. Títulos sem resumo disponível foram analisados posteriormente, na fase de leitura dos conteúdos completos. As evidências selecionadas foram avaliadas quanto à elegibilidade e incluídas na revisão¹³. Foram incluídos os estudos de pesquisas primárias e secundárias que se reportam ao trabalho desenvolvido por Juliano Moreira relacionado às suas contribuições para o combate ao racismo científico no campo da saúde mental e da psiquiatria brasileira. Após a remoção das citações duplicadas, procedeu-se a leitura integral dessas evidências e extração das suas principais informações, a base para a elaboração da síntese descritiva. Esta pesquisa priorizou apresentar informações oriundas de estudos concluídos, publicados em documentos escritos visando garantir a maior relevância possível das informações que atendessem à pergunta de pesquisa. Por este motivo, foram excluídos vídeos, estudos em fase de projetos de pesquisa, documentos identificados como resumos de anais de eventos ou

congressos, cartas ao leitor e aqueles que não apresentaram informações que contemplassem a população, conceito e contexto de interesse deste estudo, bem como os documentos não disponíveis para leitura no formato *online*.

Protocolo e registro

A revisão foi cadastrada no Open Science Framework sob o protocolo <https://osf.io/6mb3x/>.

Estratégias de busca e seleção das referências

A busca sistemática dos artigos foi realizada nas bases de dados que envolvem abrangentemente diferentes disciplinas e áreas do conhecimento e ocorreram entre os dias 18, 19 e 20 de fevereiro de 2024, nas bases *Scientific Electronic Library Online* - Scielo e Biblioteca Virtual em Saúde - BVS. A literatura cinzenta foi levantada a partir das bases Google Scholar, Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD.

A estratégia estabelecida utilizou os descritores que formularam a pergunta de pesquisa, os operadores booleanos e as aspas para as bases de dados que as aceitaram. Foram incluídos além dos descritores, a palavra-chave 'Juliano Moreira' para a busca dos estudos, levando-se em conta as variáveis da pesquisa que definiram o tema e a pergunta da pesquisa:

- 'Juliano Moreira' AND Racismo;
- 'Juliano Moreira' AND 'Saude Mental';
- 'Juliano Moreira' AND Psiquiatria

Documentos em inglês, espanhol e português, sem impor limite temporal para a pesquisa, foram aceitos, adaptando a estratégia de busca de acordo com as

especificidades de cada base de dados. Tornaram-se elegíveis para busca nas bases de dados as fontes primárias de evidências publicadas e literatura cinzenta, esta entendida como o conjunto de documentos técnicos ou científicos, dos mais variados tipos, tais como memoriais, relatórios, apostilas, dentre outros, disponíveis em formato eletrônico que não foram publicados em canais habituais de transmissão científica e publicada¹⁸.

Triagem de relevância de título e resumo

Os resultados obtidos a partir das buscas realizadas nas bases de dados foram exportados para o aplicativo da *web* - gerenciador de referências Rayyan[®]. Com ele, foi possível a exclusão das duplicidades, triagem e seleção e dos estudos. Todos os manuscritos que atenderam aos critérios de inclusão, após a primeira etapa de leitura de títulos e resumos, foram lidos na íntegra.

Para a extração dos dados, processo que fornece ao leitor um resumo lógico e descritivo dos resultados que se alinha com os objetivos e a pergunta de pesquisa, foi utilizada a abordagem prevista no protocolo PRISMA-ScR¹² em que uma revisora extraiu os dados e a outra revisora verificou os dados. Houve consenso na análise de todos os títulos e resumos para a inclusão no roteiro de leitura integral.

RESULTADOS

A busca apresentou 2.322 referências com potencial de inclusão na pesquisa. Após a exclusão de 632 duplicatas, 1690 referências atenderam à triagem dos critérios de elegibilidade para a leitura de títulos e resumos. Após esta etapa, foram incluídos na análise 51 referências. A etapa final, com a leitura do artigo completo, contemplou 21 referências, representada na Figura 1. A maioria dos artigos excluídos durante a triagem do título e do resumo se referiam a estudos realizados em instituições que possuíam o nome do médico Juliano Moreira e não apresentavam análise ou discussão sobre o seu papel no enfrentamento ao racismo científico.

Os resultados incluídos na presente revisão de escopo foram classificados em categorias de análise conceituais a partir da análise categorial temática, fundamentada na análise de conteúdo de Bardin¹⁷. Com base no relatório final obtido por meio do

aplicativo da *web Rayyan*[®], foi desenvolvido um diagrama dos fluxos de identificação e leitura dos estudos através das bases de dados, seguindo o modelo do Fluxograma PRISMA de seleção de artigos.

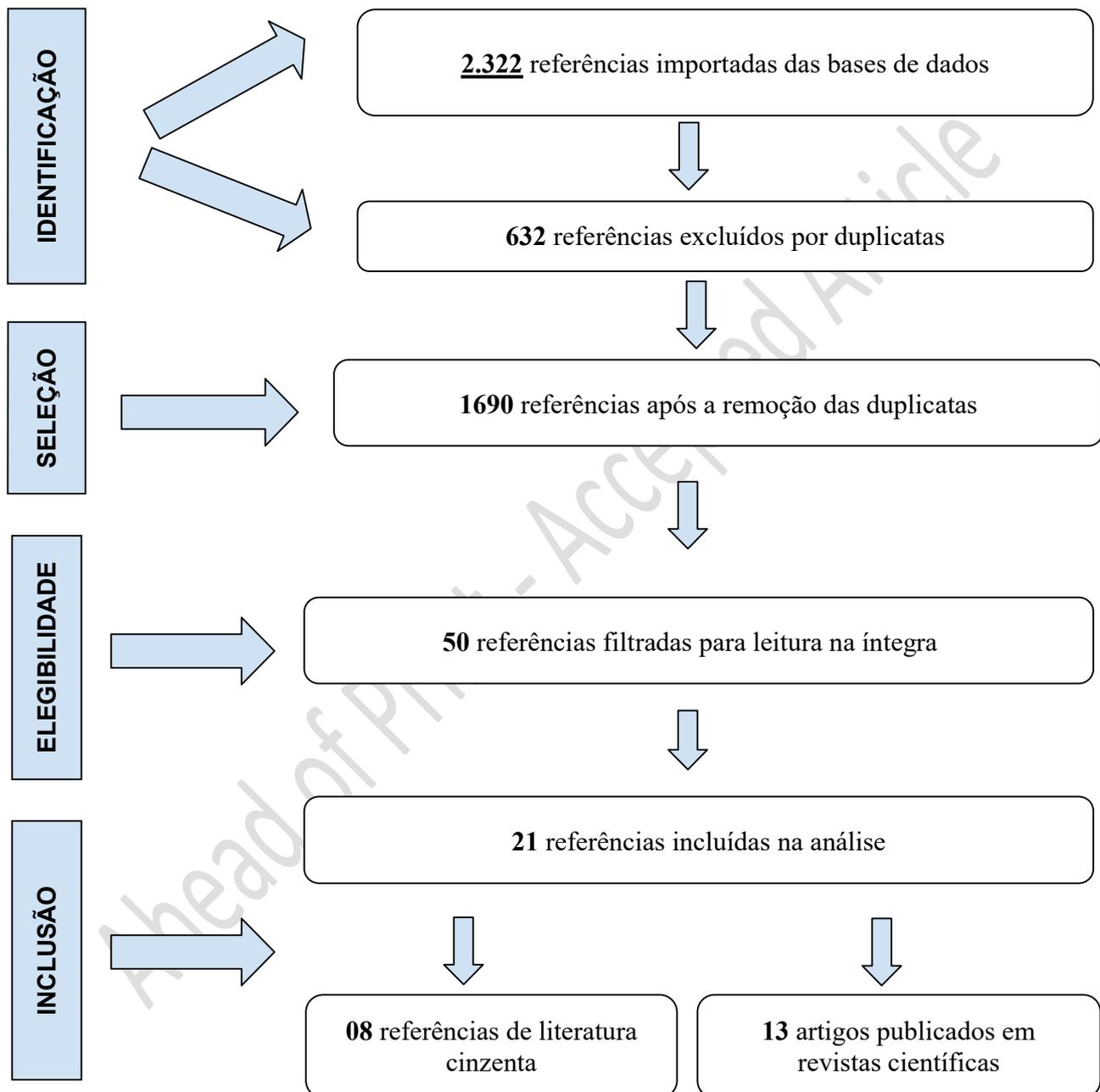


Figura 1. Fluxograma da Revisão de Escopo de acordo com os critérios do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses Extension for Scoping Reviews (PRISMA- ScR), segundo o Joanna Briggs Institute.

A leitura integral das 21 referências selecionadas permitiu delinear núcleos de conteúdos consonantes ao objetivo do estudo resultando em cinco categorias de análise, detalhadas na discussão do artigo.

Os estudos incluídos na revisão de escopo foram publicados entre os anos 2000 e 2021, de forma assimétrica neste período. Destes, 13 artigos foram publicados em periódicos nacionais, com identificação do DOI. Os demais constituíram-se em teses de doutorado e dissertações de mestrado, livros e artigos de jornais e ou revistas não indexadas.

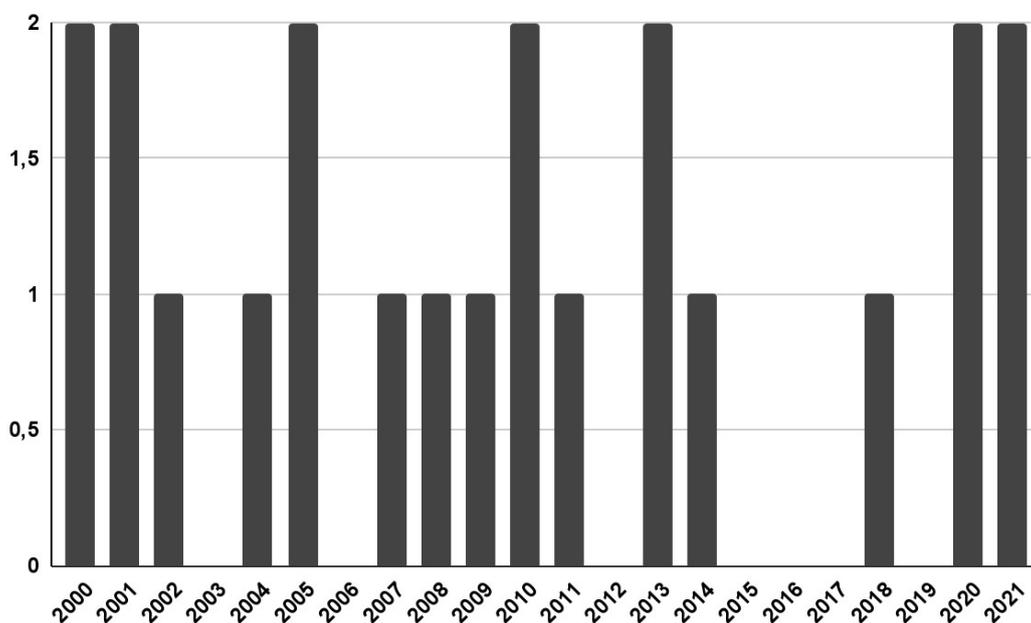


Gráfico 1. Número de Publicações distribuído no intervalo de tempo.

Sobre o delineamento dos estudos, todos são do tipo qualitativo e 95% deles utilizaram artigos de periódicos, discursos, relatórios escritos e/ou publicações do próprio Juliano Moreira, o que demonstra a relevância dada pelos autores à genuína produção de Juliano Moreira e sua clareza de percepção do mundo em que vivia e do seu protagonismo para a psiquiatria brasileira e para o combate ao racismo científico.

DISCUSSÃO

Durante a leitura das referências incluídas no estudo, observou-se a regularidade de temas que se repetiam e sinalizaram os significados extraídos em consonância com o objetivo da revisão de escopo. Estes foram agrupados e apresentados em cinco núcleos de sentido explicativos, que se constituíram como as categorias de análise conceituais a partir da análise de conteúdo temática proposta por Bardin¹⁷. Os núcleos de sentido foram definidos conforme demonstra a Gráfico 2

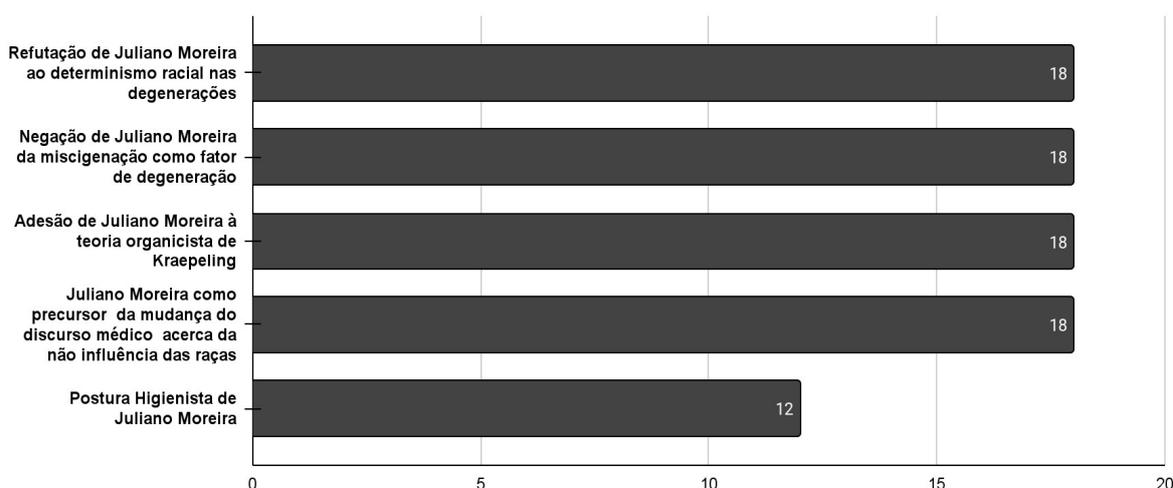


Gráfico 2. Categorias de Análise.

Refutação de Juliano Moreira ao determinismo racial nas degenerações

De acordo com Pereira¹⁹, nos primórdios da psiquiatria contemporânea, vigorava a ideia de que um fator biológico, de natureza hereditária, desempenharia um papel maior na etiologia dos transtornos mentais. A partir da segunda metade do século XIX, o conceito de degenerescência da espécie humana, introduzido por Benedict-Augustin Morel, entendida como um desvio malsão de um tipo ideal, modificou inteiramente o panorama psiquiátrico e as concepções científicas sobre a hereditariedade dos transtornos mentais. Ao indicar diferentes causas para a degenerescência, Morel incluiu o abuso do álcool, a alimentação deficiente, o meio social miserável, a imoralidade dos costumes, as doenças da infância e a própria herança de uma carga de degenerescência¹⁹.

Já no início do século XX, a Liga Brasileira de Higiene Mental do Brasil sustentou o programa de ‘combate à mestiçagem’ e de ‘arianização da raça brasileira’ fundamentado nas teorias da degenerescência, tomando como ponto de partida a superioridade branca²⁰. Ao contrário de Raimundo Nina Rodrigues, que defendia a tese de que a mestiçagem era um fator degenerativo, Juliano Moreira afirmou que a degeneração deveria estar atrelada à educação e à saúde, sendo, assim, um problema social. Contestou, portanto, toda a pseudociência até então alicerçada na teoria e na crença da superioridade genética de determinado grupo de seres humanos⁶ e colocou em questão os fatores causais da teoria da degenerescência, compreendida como um desvio doentio, uma degradação da raça humana primitiva perfeita, criada por Deus, que seria transmissível hereditariamente^{7,20}. Assim, para combater a ideia de uma diferença irreduzível e da hierarquia de raças, tornou-se um dos precursores, se não o precursor, da mudança do discurso médico acerca da influência das ‘raças’ na degeneração da população brasileira, na contramão do pensamento majoritário vigente a sua época, fortemente ancorado no racismo, na miscigenação e no clima como fatores impeditivos ao desenvolvimento da civilização.⁸

Juliano Moreira desenvolveu sua inovadora análise organicista e ambiental das degenerações, no início do século XX, período em que o Brasil vivia o ruir de uma ordem social imperial e escravocrata⁸. Ao justificar a exposição a hábitos degenerantes e a incidência de desvio mental na população negra, atribuiu culpa à forma como a colonização portuguesa integrou a etnia ao território brasileiro²¹. Refutou veementemente a possibilidade de contribuição negativa dos negros à degeneração por consequência da miscigenação, posição divergente de muitos alienistas de seu tempo⁴.

Negação de Juliano Moreira da miscigenação como fator de degeneração

Quando Juliano Moreira se lançou em estudos científicos na defesa da igualdade racial, o Brasil já era reconhecido como um país miscigenado e eram calorosas as discussões acerca do futuro da nação²². Desde o início de sua carreira acadêmica, apresentou estudos que demonstravam a falta de rigor científico das interpretações que apontavam a miscigenação como problema e criticou “os ridículos preconceitos de cores ou castas”^{7, p.29}. Foi assim que ele se opôs à corrente hegemônica dos cientistas filiados à escola baiana e ao seu ex-professor Raimundo Nina Rodrigues, os quais

entendiam a miscigenação e a falta de uniformidade étnica advinda do cruzamento racial como fatores da fraqueza do povo brasileiro⁹. Logo, como um representante do pensamento sanitarista no campo psiquiátrico, negou a correlação entre degeneração, constituição racial e qualquer ligação entre mestiçagem com a prática de crimes e ‘desvios’ mentais, como sugeriam os adeptos da teoria de Morel. Defendeu medidas profiláticas, por compreender que a degeneração decorria de outros fatores causais como o alcoolismo, a sífilis, as verminoses e as precárias condições sanitárias e educacionais^{4-5,23}.

É muito recorrente na literatura a postura de Juliano Moreira em propor a análise das causas físico-orgânicas e o ambiente social dos indivíduos acometidos por transtornos mentais, dando especial atenção a fatores como alcoolismo, condições de higiene e alimentação precárias, de forma a evitar o determinismo relacionado à miscigenação. Para ele, uma educação adequada e boa era uma importante medida profilática capaz de evitar o desenvolvimento das ‘doenças mentais’^{5,9}.

Adesão de Juliano Moreira à teoria organicista de Kraepeling

A maioria dos alienistas aderiram às teses da degenerescência de Morel, o que permitiu à intelectualidade brasileira a aplicação de um olhar elitista, voltado para a exclusão social e equilíbrio da ordem pública com a justificativa de utilização da ciência psiquiátrica como ferramenta para solucionar os ditos problemas sociais ou populacionais do país. Neste contexto, as instituições de saúde mental da época estavam voltadas para o isolamento social de indivíduos vistos como inadequados e indesejáveis, isto é, alienados, em sua acepção mais vaga e geral do termo¹.

Muitos artigos apontam a centralidade do papel de Juliano Moreira na recepção da ciência psiquiátrica alemã no início do século XX, e de sua apropriação das teorias e práticas de Emil Kraepelin ao propor critérios científicos para a identificação e tratamento da loucura como um transtorno mental de fato^{7,20,24,26}. É esta teoria que apresentou o indivíduo como organicamente doente e as diversas alternativas de diagnósticos, em contraposição à teoria de um corpo taxado como indesejável ao convívio social e tratado dessa forma¹. Foi neste contexto que ele liderou propostas de abordagem evolucionista sobre o estudo das anormalidades e dos comportamentos

desviantes, em oposição às correntes atávicas e racistas da medicina brasileira naquele princípio de regime republicano¹.

A sua concepção teórica o levou a criar um ambiente terapêutico diferente do então adotado no Hospício Nacional de Alienados. Realizou relevantes mudanças quando assumiu a direção da instituição, reformando-a, abolindo grades de ferro das janelas, muros altos e coletes de força, medidas que tinham como finalidade permitir uma sensação de liberdade – vigiada – ao interno⁵, além de propor diversidade no tratamento, chegando a considerar a internação como último caso²⁴. Seus empreendimentos no hospício tornaram-se possíveis também em decorrência da sua capacidade de articulação política e ideológica para a defesa e aprovação da primeira lei federal de assistência aos alienados, promulgada ainda em 1903²⁵.

Juliano Moreira como precursor da mudança do discurso médico acerca da não influência das raças

Durante as primeiras décadas do século XX, vigia uma interpretação determinista sobre os problemas sociais em que a mestiçagem e o clima eram vistos como causas da degeneração racial. Juliano Moreira, contudo, buscou demonstrar que o atraso do país estaria relacionado às doenças e a falta de saneamento⁵, afastando-se de uma caracterização moral da loucura, tal qual se idealizara anteriormente. É neste período que ele pode ser identificado como uma verdadeira personalidade do campo científico e é nomeado Diretor do Hospício Nacional de Alienados em 1903, participa da fundação da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Ciências afins e representa o país em diversos congressos médicos no exterior¹. Dedicou grande parte do seu tempo ao estudo e tratamento das doenças mentais, tornando-se um dos principais nomes (senão o maior) da Psiquiatria da Primeira República⁶. A partir de Juliano Moreira, a psiquiatria impõe-se como saber necessário à sociedade porque se mostra cada vez mais científica, à medida que tenta derivar seu saber da medicina⁵.

Foi sem dúvidas um dos mais importantes alienistas de seu tempo. Colaborador da gradativa transformação do tratamento ofertado pelo estado brasileiro àqueles tidos como loucos, contrariando os desejos da sociedade da época de isolá-los por considerá-los perigosos, inadequados e indesejados. Os artigos estudados demonstram como

Juliano Moreira repudiava o discurso de que a degenerescência se constituiu fatidicamente determinante para o desenvolvimento do que se chamava à época como loucura, tida como ameaça e perigo à sociedade. Realizou críticas e denúncias às condições dos espaços de recolhimento, da utilização dos castigos corporais, do encarceramento, entre outros²⁴. Ocupou espaços de poder, sendo responsável pela criação de uma série de políticas públicas que transformaram não só a vida daqueles que eram considerados loucos, como também o exercício dos médicos que se especializavam em psiquiatria. Isso tudo sem baixar sua cabeça para o racismo que o rodeava e, sobretudo, discordando dos seus colegas que viam nos negros e nos mestiços as origens de todas as mazelas do Brasil⁶.

A trajetória do psiquiatra baiano pode ser considerada um momento de ruptura do saber psiquiátrico, que delimita pela primeira vez o que poderíamos chamar de uma corrente psiquiátrica no Brasil⁵. Contudo, sofreu com questionamentos em relação a suas proposições raciais fortemente motivados pela Faculdade de Medicina da Bahia e personificados por Raimundo Nina Rodrigues⁵. Mesmo assim, não se abateu e propôs uma ruptura na prática asilar, claramente influenciado pelo modelo alemão de Kraepelin, ofertando à psiquiatria uma nova configuração, tanto no âmbito do saber quanto no da prática, diferenciando-a claramente da prática psiquiátrica precedente, propondo um novo sistema de assistência ao alienado⁵.

Ao reconhecer a diversidade de diagnósticos e a impossibilidade de tratamento singular para os pacientes no Hospício Nacional de Alienados¹, deslocou o campo de ação da psiquiatria de uma única modalidade asilar - o hospício, ponto fundamental da prática psiquiátrica do século XIX, para diversas formas asilares e não asilares⁵.

À medida que operava mudanças doutrinárias na psiquiatria brasileira, Juliano adotava medidas administrativas de grande envergadura ao aceitar a direção da Assistência aos Alienados. Exigiu e obteve do Governo da República a promulgação de um decreto presidencial que reformou o Serviço das Doenças Mentais, constituindo-se no primeiro texto legislativo federal que normatizou a assistência psiquiátrica no Brasil²⁶.

No período em que esteve na direção do Hospital Nacional de Alienados (1903-1930), Juliano Moreira atuou como divulgador de uma psiquiatria científica brasileira

tanto no âmbito nacional quanto no panorama internacional, tornando-se, em grande parte, o responsável pela mudança na filiação do alienismo no Brasil²³.

Postura Higienista de Juliano Moreira

Durante a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a eugenia foi amplamente aceita no mundo científico e esteve na base das políticas higienistas. Ao questionar, em sua pesquisa inaugural, a existência de raças humanas, Juliano Moreira estava contestando toda a pseudociência que se alicerçava nessa teoria e na crença da superioridade genética de determinado grupo de seres humanos. Sua perspectiva se mostraria absolutamente correta, do ponto de vista científico, mesmo antes da comprovação da inexistência de raças humanas⁶.

Não se pode, contudo, negar a postura higienista de Juliano Moreira, muito destacada nos artigos selecionados nesta pesquisa. Se por um lado seu enfoque rompia com associação entre raças inferiores, degeneração e alienação mental, por outro, ampliou a relação entre desvios/insuficiências e culturas traduzidas como inferiores²⁰.

O psiquiatra baiano defendeu o combate a ‘endemias sociais’ como o alcoolismo, a sífilis e a epilepsia⁹, deslocando o discurso da hierarquização racial para uma hierarquização social e cultural. Com seus estudos, buscou demonstrar que as doenças mentais eram fruto da ignorância, das más condições higiênicas, sanitárias e educacionais e dos ‘pervertidos’ padrões morais, que haviam levado a população ao alcoolismo, ao tabaco e à sífilis⁷. É neste contexto que se torna mais evidente sua postura higienista ao propor como solução um programa de profilaxia preventiva, de cuidados com a saúde física e moral dos brasileiros, propondo educar maus hábitos e evitar perversões como métodos essenciais no estabelecimento de uma sociedade civilizada¹⁴. Filiou-se, portanto, a políticas higienistas com vistas ao que ele entendia ser o bem comum e, dessa forma, declaradamente atacava o alcoolismo, o comportamento social desregrado, a prostituição e o casamento (reprodução) entre pessoas doentes, atribuindo a esses o mesmo valor crítico em relação à falta de políticas públicas de saneamento e educação⁸.

Pelo viés sanitarista, Juliano Moreira questionou a razão de a mestiçagem figurar entre os fatores de decadência social da nação, ideia essa defendida pelos intelectuais

mais pessimistas como Nina Rodrigues e apresentava o impacto do tráfico negreiro na saúde das vítimas do processo de colonização, elegia o alcoolismo como um fator importante para a ‘degenerescência física, moral e social’ na formação da nação, minimizando assim, o debate sobre causas relacionadas ao ‘problema do negro’ ou da mestiçagem².

Como limitação destaca-se que esta pesquisa se deteve em mapear as contribuições de Juliano Moreira recortadas pela pergunta centrada na questão do racismo científico durante o período histórico do Brasil Colônia, a partir de estudos diversos, sistematizados e identificados em cinco bases de dados. Apresenta, portanto, uma visão geral das informações disponíveis sobre o tema suscitando-se como base para futuras revisões ou evidências.

CONCLUSÕES

Conhecer Juliano Moreira, o homem negro genial, é um bom convite para pensar e fazer uma outra história do Brasil. Ele teve a coragem de apontar que os europeus trouxeram ao Brasil o alcoolismo e muitas doenças, como a sífilis, a tuberculose, entre outras e, mesmo assim, apresentavam-se esquecidos desta questão a ponto de atribuírem a degeneração humana aos negros e à miscigenação. Além da coragem, ele defendeu, em todas as instâncias, que os indivíduos poderiam se constituir como moralmente iguais e assim contribuir com o progresso da nação por meio da educação e da produção de um meio social saudável. Para ele, em uma época de disseminação de teorias eugenistas, entre os homens haveria apenas diferenças físicas e orgânicas.

Sem negar a existência de uma degeneração da população brasileira, apresentou veemente divergência com as teorias racistas do início do século XX que associavam transtornos mentais à população negra e aquelas que atribuíam à miscigenação responsabilidade sobre a degeneração do povo brasileiro. Conseguiu demonstrar, em uma época hostil às suas conclusões, que as diferenças entre negros e não negros devem-se tão somente a questões sociais e culturais.

À frente do Hospital dos Alienados por 30 anos, durante a primeira República Brasileira, ousou em propor reformas que seguiram os modelos de tratamento

desenvolvidos pela Psiquiatria alemã, considerada por muitos à época como o que havia de mais moderno no assunto, em contraposição às teorias francesas de Pinel e Esquirol, que defendiam o isolamento como condição indispensável para o tratamento psiquiátrico. Foi a personalidade brasileira importante para dirimir qualquer possibilidade de associação da miscigenação como fator de degeneração da população brasileira ao refutar o determinismo racial na teoria das degenerações. É possível assim considerá-lo como um notável precursor da mudança do discurso médico acerca da não influência das raças no adoecimento psíquico, combatendo, incansavelmente o racismo científico do início do século XX no Brasil.

REFERÊNCIAS

1. Teixeira JPA. O discurso de Juliano Moreira: psiquiatria e política no processo de modernização do Brasil republicano [Dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/13117>
2. Galvão MF. Antirracismo(s) de Outrora:: Juliano Moreira, Manoel Querino e a luta contra o racismo científico (1870-1933). Rev. Espacial [Internet]. 2º de setembro de 2021; 17(2):94-113. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/23590>
3. Pena SDJ . Homo brasilis: aspectos genéticos, linguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-935137>
4. Oda AMGR. A teoria da degenerescência na fundação da psiquiatria brasileira: contraposição entre Raimundo Nina Rodrigues e Juliano Moreira. Psychiatry On-line Brazil, v. 6, n. 12, Dec. 2001. Disponível em <http://www.polbr.med.br/arquivo/wal1201.htm>
5. Portocarrero V. Arquivos da Loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Disponível em SciELO Books <http://books.scielo.org>

6. Santos YL. Juliano Moreira: o médico negro na fundação da psiquiatria brasileira [Internet]. dspace.unisa.br. Eduff; 2020. Disponível em: <https://dspace.unisa.br/items/de8e9eaa-135f-49a1-8c50-d220b882115b/full>
7. Oda AMGR, Dalgalarro P. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, Campinas, v. 22, n. 4, p. 178-9, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000400007>
8. Freitas EV. Quem sai aos seus não degenera: Juliano Moreira e a teoria abasileirada da degenerescência social (1872-1933) [Dissertação]. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, 2018. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2019/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o-de-Evandra-Viana-de-Freitas.pdf>
9. Raquel S. Manoel Bomfim e Juliano Moreira: Aproximações e oposições ao racismo científico na Primeira República. Uerjbr [Internet]. 2014. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/13590>
10. Castro RD. A psicanálise no tratamento das doenças nervosas e mentais: dos primeiros leitores à tese de Genserico Souza Pinto (Rio de Janeiro, décadas de 1900 e 1910). *Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 349-371, jun. 2020. Disponível em <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/fr/biblio-1139243>
11. Peters MD, Godfrey CM, Khalil H, McInerney P, Parker D, Soares CB. Orientação para condução de revisões sistemáticas de escopo. *International Journal of Evidence-Based Healthcare* 13(3):p 141-146, setembro de 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/279730442_Guidance_for_conducting_systematic_scoping_reviews
12. Peters MDJ, Godfrey C, McInerney P, Munn Z, Tricco AC, Khalil, H. Capítulo 11: Scoping Reviews (versão 2020). Aromataris E, Munn Z, editores. *Manual JBI para Síntese de Evidências*. JBI; 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46658/JBIMES-20-12>
13. Tricco AC, Lillie E, Zarin W, O'Brien KK, Colquhoun H, Levac D, et al. PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): Checklist and Explanation. *Annals of*

Internal Medicine. 2018 Sep 4;169(7):467–73. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30178033/>

14. Arksey H, O'Malley L. Scoping studies: Towards a Methodological Framework. *International Journal of Social Research Methodology* [Internet]. 2005;8(1):19–32. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1364557032000119616>

15. Levac D, Colquhoun H, O'Brien KK. Scoping studies: Advancing the Methodology. *Implementation Science* [Internet]. 2010 Sep 20;5(1):1–9. Disponível em: <https://implementationscience.biomedcentral.com/articles/10.1186/1748-5908-5-69>

16. Mattos SM, Cestari VRF, Moreira TMM. Protocolo de revisão de escopo: aperfeiçoamento do guia PRISMA-ScR. *Rev Enferm UFPI* [internet]. 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/369197781_Protocolo_de_revisao_de_escopo_aperfeicoamento_do_guiaprisma-scr

17. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil, [1977] 2016.

18. Côrtes PL. A Importância da Literatura Cinzenta Disponível na Internet para as Áreas de Ciências Contábeis e Administração de Empresas. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios - RBGN* [Internet]. 2006; 8(20):13–22. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94782003>

19. Pereira MEC. Morel e a questão da degenerescência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [Internet]. 2008 Sep;11(3):490–6. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/z7jd4V4RsPPDddy5KzHzCJb/?format=pdf&lang=pt>

20. Cristiana Facchinetti, Felipe P. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *Historia Ciencias Saude-manguinhos*. 2013 Mar 1;20(1):239–62. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702013000100013>

21. Teixeira, JPA. O Discurso de Juliano Moreira: a loucura como alvo da ciência na Bela Época carioca. São Paulo. Anais do XXVI simpósio nacional Associação Nacional de História. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308177173_ARQUIVO_anpuh_2011.pdf

22. Pereira Ivo I, Viana de Freitas E. Degenerescência humana em função da raça e a fala pública de Juliano Moreira. *Fronteiras & Debates* [Internet]. 2020 Aug 31;7(1):29. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/6231/pdf>
23. Venancio ATA. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. *www.arca.fiocruz.br* [Internet]. 2005. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/25844>
24. Maria A. Ordenando a babel psiquiátrica: Juliano Moreira, Afrânio Peixoto e a paranoia na nosografia de Kraepelin (Brasil, 1905). *Historia Ciências Saude-manguinhos*. 2010 Dec 1;17(suppl 2):495–514. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702010000600013>
25. Galdini A, Oda R, Dalgalarondo P. A paranóia, segundo Juliano Moreira e Afrânio Peixoto [Internet]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/37DrTzQHB74RB8LCGvy7gJk/?format=pdf&lang=pt>
26. Dunningham WA. Juliano Moreira: notas sobre sua vida e sua obra. *Gazeta Médica da Bahia* [Internet]. 2024;78(1). Disponível em: <https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/view/248>